

CEMITÉRIOS: UM ESPAÇO RELIGIOSO E EDUCATIVO

Kate Fabiani Rigo*

RESUMO

A comunicação apresenta o espaço cemiterial como uma ferramenta educativa para as aulas de Ensino Religioso, uma vez que o mesmo fornece inúmeros atributos para o estudo da religiosidade, da arte, da morte e da história. A comunicação tem o objetivo sugerir uma metodologia que incentive novas práticas pedagógicas que atendam o adolescente contemporâneo que a cada dia está mais inserido na realidade virtual e distanciado do cotidiano real. Acreditamos que o estudo do cemitério irá contribuir na aproximação deste indivíduo com as questões ligadas à religiosidade, além de propiciar ao aluno e ao professor um espaço de troca, identificação e de reflexão sobre os mais variados temas e valores que perpassam nossas vidas e que são de fundamental importância para a composição dos adultos que irão compor a sociedade do futuro.

Palavras-chave: Cemitérios. Religiosidade. Educação.

ABSTRACT

The paper presents the cemetery space as an educational tool for religious education classes, since it provides many attributes for the study of religion, art, death and history. The communication is intended to suggest a methodology that encourages new teaching practices that meet the contemporary teenager who every day is more inserted into the virtual reality and distanced from everyday reality. The study of the cemetery will help in bringing this individual to the religious issues, and provide students and teachers a space of exchange, identification and reflection on various themes and values that pervade our lives and are of fundamental importance for the formation of future adults who will compose the society of the future.

Keywords: Cemeteries. Religiosity. Education.

INTRODUÇÃO

Pensar na escola como um espaço de educação e formação do indivíduo é uma tarefa que exige um plano de ação, a elaboração de um currículo e uma visão clara de que adulto almejamos para compor a sociedade do futuro. A partir da observação de alguns aspectos da sociedade pós-moderna e o seu reflexo no espaço escolar que apresentamos o nosso objeto de estudo, o cemitério, como ferramenta de ação educativa que irá auxiliar os educadores, principalmente das

* Doutoranda em Religião e Educação pela EST. Bolsista CAPES. Orientador: Wilhelm Wachholz. Mestre em História pela PUCRS. Email: kate@novaformacultural.com.

ciências humanas, na formação de um adulto mais sensível e mais preocupado com a sua vida e com o do próximo.

Acreditamos que o desenvolvimento da temática cemiterial no espaço escolar proporcionará uma significativa contribuição em diferentes campos como: na formação da identidade do adolescente, na possibilidade de criar e partilhar experiências significativas no espaço escolar, no desenvolvimento de valores e reafirmação de crenças, bem como na formação de um futuro adulto centrado na sua condição humana. Essa prática sobre a importância do resgate dos valores é reafirmada com pensamento de Streck:

Em que medida a escola e o Ensino Religioso possibilitam espaços para que os alunos e alunas possam significar suas experiências e dar sentido a elas? Qual é o foco central da aprendizagem? Há uma preocupação pela condição humana? Pelo desenvolvimento de valores, princípios e crenças para que os adolescentes possam estabelecer um núcleo estável de sua identidade, uma noção de si, para poderem aprender a conviver com o diferente? Aprender a ser humano, a “reconhecer-se em sua humanidade comum”, é essencial para dar conta das novas demandas do século XXI.¹

Para a análise do desenvolvimento cognitivo do adolescente utilizaremos como base inicial os estudos de Jean Piaget, considerando o seu estudo sobre o pensamento operatório formal, além das teorias de desenvolvimento de Erikson que ilustram o pensamento adolescente e a sua formação de identidade.

Quanto ao embasamento teórico de estudos ligados a fé, religiosidade, práticas-educativas e atuação com adolescente na área de Ensino Religioso usaremos como suporte teórico os estudos de: James Fowler “Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento Humano e a busca de sentido”; o trabalho de Laude Brandenburg “Religiosidades e Práticas Educativas”; também utilizaremos a pesquisa de Remi Klein “O processo educativo-religioso: histórias “em jogo” e novos olhares “em formação” e, por fim, Gisela Streck sobre “Adolescência e Identidade: desafios educacionais em tempos de Pré-modernidade”.

Para o estudo da temática cemiterial utilizaremos o livro “Um olhar: A arte no silêncio” de Clarisse Grassi, que serve como recurso visual de ligação entre o cemitério e a sala de aula, por apresentar de forma didática as Alegorias Cemiteriais. Também utilizaremos a bibliografia básica produzida por Harry Bellomo, por Maria

¹ STRECK, Gisela Isolda W. *Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade*. In: WACHS, Manfredo Carlos et all. *Praxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2007, p. 205.

Elísia Borges e por Thiago Nicolau de Araújo, que são fortes referenciais da pesquisa cemiterial no Brasil.

Durante a trajetória como docente tivemos a oportunidade de lidar com diferentes alunos, uma vez que trabalhamos na rede particular de ensino (em diferentes escolas de confissões religiosas distintas) e na rede pública de ensino. Esse contato com diferentes tipos de adolescentes, de diferentes cidades, diferentes realidades econômicas e de diferentes credos religiosos apresentou uma relação comum e preocupante entre todos: a falta de interesse por assuntos ligados à religiosidade e à fé. Outro ponto relevante de observação está ligado ao planejamento pedagógico dessas instituições de ensino: todas constatavam que o adolescente estava desinteressado sobre as questões relativas à religiosidade e que os professores deveriam encontrar uma maneira de chamar a atenção do mesmo para os assuntos ligados a suas crenças, dentro das diversas áreas das ciências humanas.

Sempre se buscou apresentar aos alunos a utilidade prática dos assuntos desenvolvidos nas diversas áreas das ciências humanas, seja na disciplina de História, de Geografia, de Arte, de Sociologia, de Filosofia, de Ensino Religioso e de Teatro. Desta maneira, acreditamos que é de extrema importância o resgate desse adolescente por meio de um assunto que possa gerar a curiosidade, o aprendizado, o desenvolvimento de múltiplas habilidades, o pensamento filosófico, a consciência religiosa e a contemplação artística. Assim apresentamos o cemitério como um recurso prático-pedagógico para as aulas de Ensino Religioso e demais ciências humanas.

O objetivo inicial desta prática de pesquisa em sala de aula está ligado ao ideal de despertar o interesse dos alunos por história, considerando que a mesma é vista como teórica demais para o mundo adolescente. O cemitério consegue estabelecer um elo entre a teoria histórica e a prática educativa com adolescentes. E, a partir dela, os alunos percebem que a história está presente em tudo, até mesmo no cemitério.

Trabalhar com a temática cemiterial em sala de aula é algo que exige planejamento, criatividade e principalmente habilidade retórica na hora de convencer a coordenação pedagógica e os pais a liberarem seus alunos/filhos a visitarem o espaço cemiterial com finalidade pedagógica. Essa necessidade de convencer a comunidade escolar que estudar questões relacionadas ao cemitério está ligada à

ideia de “cegueira da morte” nas palavras de Edgar Morin: “*Fazemos de conta que a morte não existe, pois a vida cotidiana é pouco marcada pela morte*”.²

Essa negação da morte se manifesta de diferentes maneiras como afirma Steyer:

O homem ao se deparar com a finitude da vida reage basicamente de duas maneiras distintas: com a negação ou a aceitação da morte terrena. A reação mais comum é a de negação do fato, pela qual a família do morto expressa seus sentimentos de revolta com o fim da vida através de inscrições, fotografias e objetos colocados nos túmulos que lembram a vida terrena. A aceitação da morte terrena aparece através de demonstrações de fé e de homenagens e saudações à vida do defunto.³

Essa dificuldade de aceitar um tema considerado “pesado” para ser abordado por adolescentes em plena vitalidade corporal e mental está associada à falta de informações sobre a contribuição histórica, artística, cultural e religiosa que o campo santo pode oferecer e também à ideia supersticiosa de que tratar sobre a morte pode acabar atraindo-a. Essa afirmação é feita com base em diversos relatos escritos de alunos quando indagados sobre como teria sido a reação dos pais quando avisados sobre o projeto. Cito abaixo um destes relatos realizados por meio do registro escrito com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede católica de ensino⁴:

“Meus pais acharam uma loucura. Pensaram que era um absurdo falar sobre isso com alunos da 8ª série .”

“Meus pais não gostaram por que trás coisas negativas para a vida”

“Meus pais não aceitaram que eu fizesse a lápide com o meu nome porque acha que pode chamar a morte para mim.. E não gostam muito da idéia de estudar a arte cemiterial, falam que já que é geografia, deveria estudar os países e estados e não o cemitério”.

Esses relatos demonstram o pensamento de Morin da “Cegueira da Morte” e evidenciam a falta de conhecimento sobre a multiplicidade cultural existente no cemitério, o que faz com que os pais não consigam enxergar o cemitério como objeto de prática-pedagógica. E o interessante está no discurso de que o aprendizado de geografia se dá apenas por meio do estudo de países e estados. Não há uma conscientização de que a aprendizagem se dá por meio da

² MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.p.63.

³ STEYER, Fábio. *Representações e Manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul*. In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000. p. 74.

⁴ Pesquisa realizada com alunos de uma turma do 9º ano de uma escola confessional católica da cidade de Porto Alegre durante o segundo semestre de 2011.

transversalidade que é discutido por Segura: “Numa aproximação conceitual do termo, pode-se dizer que o dicionário descreve transversal como algo que atravessa o outro lado. Falar de transversalidade curricular é referir-se a uma estratégia de atuação docente que implica outra forma de entender e organizar a aprendizagem.”⁵

Percebemos então que o cemitério pode ser um excelente aliado na prática educativa, pois nele podemos trabalhar diversos aspectos da história, os períodos distintos da arte, com conceitos da sociologia e suas diversas interações, com os conceitos de finitude, fé e religiosidade na disciplina de Ensino Religioso; com conceitos de percepção da morte.

Além disso, a literatura didático pedagógica propõe um debate sobre a necessidade de gerarmos novas práticas em sala de aula para atender o adolescente contemporâneo que a cada dia está mais inserido na realidade virtual e distanciado da realidade real. O estudo do cemitério irá contribuir na aproximação deste indivíduo com as questões ligadas a religiosidade e com a ideia de Brandenburg sobre a escola ser um espaço de partilha, convívio e aprendizagem:

Integrando a abordagem da religiosidade no cotidiano escolar ou integrando o cotidiano na prática do currículo escolar, haverá avanços no processo de desenvolvimento da educação integral, e a escola estará dando sua contribuição também no reconhecimento da religiosidade na vida escolar e na vida das pessoas que ali estão. Desse modo, a escola poderá ser um espaço em que se aprende a viver juntos, em que se aprende a conviver e a conversar sobre as diferentes dimensões da vida, inclusive e principalmente sobre a religiosidade.⁶

Montar uma metodologia sobre a utilização do cemitério como condutor de informação, reflexão e identificação é uma prática que será aperfeiçoada ao longo da pesquisa, considerando que esta já teve sua aplicação no desenvolvimento das disciplinas de História, Geografia, Arte, Sociologia, Teatro e Filosofia. O desafio desta proposta está em aplicar esta prática com suas devidas alterações para estabelecer um vínculo com adolescentes que não estão mais interessados no desenvolvimento de sua religiosidade, como associada ao conceito de fé. Essa ideia

⁵ SEGURA, Harold. A criança como tema transversal da teologia. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (orgs). *Uma criança nos guará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010.p. 63.

⁶ BRANDENBURG, Laude Erandi, WACHHOLZ, Wilhen (orgs). *Contribuições do luteranismo para a Educação*. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2010.p.58.

é apresentada por Brandenburg “a religiosidade envolve a área da fé. E a fé não é, necessariamente em seu início, religiosa. Ela simplesmente é fé.”⁷

Consideramos importante destacar que o conceito de fé que melhor se aplica à realidade adolescente está atrelado à conceituação de Fowler que diz:

A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto. Fazer essas perguntas seriamente a nós mesmos ou a outros não significa necessariamente fazer surgir respostas a respeito de crença ou comprometimento religioso. A fé é o modo e que uma pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos compartilhados.⁸

Acreditamos que este tipo de prática propicia ao aluno e ao professor um espaço de troca, identificação e de reflexão sobre os mais variados temas e valores que perpassam nossas vidas e que são de fundamental importância para a composição dos futuros adultos que irão compor a sociedade do futuro.

Pensar sobre a idéia de montar um mecanismo de ação prática que atenda às necessidades de amparo e direcionamento do adolescente contemporâneo que a cada dia pede atenção por meio de suas ações conturbadas e por meio de suas emoções desenfreadas. Essa ideia é comentada nos estudos de Macedo: “A intensidade das vivências deste momento e traduzida pelo uso da palavra “revolução”, uma vez que a adolescência é realmente uma transformação radical, uma agitação que se dá no cerne do EU. Nesta situação de “turbilhão emocional”, o EU se vê ocupando o papel de protagonista e de espectador”.⁹

Essa falta de identificação é um dos fatores que agita mais ainda o adolescente e também é citado na pesquisa de Fowler, no seu trabalho que relaciona o desenvolvimento humano de Piaget e os estágios da fé:

No estágio operacional formal o pensamento cria asas. Capaz de transcender imaginativamente a experiência empírica, o pensamento formal pode construir estados ideais ou normas reguladoras. Em termos sociais, o pensamento operacional formal pode ser utópico. Com a sua capacidade de extrapolar ou imaginar a perfeição, a mente adolescente pode ser bastante

⁷ BRANDENBURG, 2010, p. 55.

⁸ FOWLER, J. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.p.15.

⁹ MACEDO, Mônica Medeiros K.(org) *Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.p. 67.

dura para julgar amigos, pais, condições sociais ou políticas, ou julgar a si mesma.¹⁰

Percebe-se que a partir de então o adolescente começa a questionar tudo a sua volta como mecanismo de transgressão e de testagem para a construção de sua própria identidade ideal. Mas além de estar se definindo enquanto indivíduo, também está cercado de pressões externas que o abalam e que o agitam.

Novas expectativas, disciplinas qualitativamente diferentes e um grande número de decisões difíceis são as exigências com as quais a sociedade saúda o adolescente, agora mais próximo de sua masculinidade ou feminilidade. Ao tentar satisfazer e cumprir essas exigências, os jovens irão apelar para recursos ideológicos de seu ambiente que estejam disponíveis e com os quais sintam afinidade pessoal, especialmente aqueles que estejam corporificados em líderes carismáticos e convincentes. Buscam figuras de apoio e designarão pessoas que quanto mais são bem-intencionadas como inimigos temporários, em contraposição aos quais sua identidade possa ser acelerada.¹¹

A citação acima apresenta o primeiro indício de distanciamento do adolescente sobre os assuntos ligados a personagens e ideais que retomem a idéia de religião, religiosidade e fé, já que antes esses valores eram vistos como modelo de inspiração e agora são modelos de aversão. Essa idéia de aversão a valores pode ser explicada a partir do estudo de Macedo:

Ter que entrar em contato com questionamentos inquietantes, tais como sua identidade pessoal, profissional e sexual, obriga o adolescente a lançar mão de estratégias para se defender de sentimentos tão intensos e perturbadores. Por isso é que, muitas vezes ele mostra-se o oposto do que se passa real e internamente. A arrogância, a prepotência, o comportamento desafiador, questionador e a onipotência, são características de posturas assumidas, inconscientemente, para que o olhar do outro seja desviado de um verdadeiro adolescente indeciso, inseguro, temeroso e assustado. É como se o adolescente estivesse frente a um dilema entre assumir uma postura corajosa, de um desbravador de si mesmo e do mundo, e outra mais “cautelosa” que por vezes se confunde com o modelo infantil de independência e fragilidade do qual quer se distanciar. Muitas vezes, a dificuldade de encontrar e de se encontrar nas soluções escolhidas traduz-se nas posições extremas que o adolescente acaba adotando, posições que se espelham contradições e dilemas internos. A frágil demarcação entre coragem e descuido pode ser exemplificada nos comportamentos autodestrutivos do adolescente.¹²

Refletindo sobre o pensamento de Macedo, percebe-se a necessidade de acolhimento que o adolescente necessita e uma mudança no olhar do docente que

¹⁰ FOWLER, 1992, p.68.

¹¹ FOWLER, 1992, p.73.

¹² MACEDO, 2004, p. 75.

com ele trata. Pensar numa nova prática docente na área de ciências humanas com ênfase no Ensino Religioso não é somente uma possibilidade e sim uma necessidade.

Trabalhar com a temática cemiterial no espaço escolar é algo pouco explorado em nosso país. O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudo e é uma excelente ferramenta pedagógica que pode resgatar o interesse do adolescente e auxiliar o docente das Ciências Humanas com ênfase no Ensino Religioso a desenvolver uma atividade diferenciada e criativa com seus alunos.

Pensar no cemitério como um recurso de ensino aprendizagem é algo ousado no campo da educação, já que a mesma se cerca de inúmeras teorias, mas dificilmente coloca-as em prática. Para que haja aprendizado, acreditamos que é necessário resgatar a ideia de Reciprocidade de Bruner:

A vontade de aprender é um motivo intrínseco, ou seja, que encontra na prática tanto a fonte como a recompensa; torna-se um problema somente em condições especiais, como o de uma escola onde se determina um currículo confina-se os estudantes e segue-se um caminho fixo. O problema não está na aprendizagem em si, mas no fato de que as imposições da escola falhar em despertar energias naturais que sustentam a aprendizagem espontânea – a curiosidade, o desejo de competência, a aspiração de seguir um modelo e a dedicação à reciprocidade social.¹³

Sendo assim, trabalhar com o espaço cemiterial irá provocar a curiosidade do grupo juvenil e a formulação de inúmeras indagações que serão buscadas pelos próprios alunos. Além disso, o interesse também pelo desvendar do desconhecido que de acordo com Wadsworth: “O desconhecido e o não previsível podem provocar interesse e conflito cognitivo”.¹⁴

Considerando que o cemitério é um espaço de memória coletiva, individual, religiosa e cultural, podemos usar a ideia de Zanella para relacionar a utilidade pedagógica de aprendizagem que o estudo do espaço cemiterial pode oferecer:

A memória é um fator bastante importante na aprendizagem, pois que, sem ela as aprendizagens se tornariam sem significado. É a memória o elemento que faz a ligação entre o ontem e o hoje e, embora não existam ainda conhecimentos substanciais acerca de seu funcionamento, sabe-se que através dela, pelo menos em parte, aquilo que foi aprendido fica retido e, de alguma forma, alguns fatos podem ser reativados pela lembrança. A

¹³ BRUNER, Jerome S. *Uma nova teoria de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Instituto Brasileiro do Livro, 1975. 3ed. p.125.

¹⁴ WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993.p.154.

memória é elemento importante porque permite a identidade do ontem, estabelecendo a relação com o hoje, o agora. A retenção significa o reconhecimento e a reaprendizagem, processos sempre presentes quando se fala em aprendizagem.¹⁵

O trecho de Zanella nos reporta ao início do desenvolvimento da hipótese quando fora abordado a questão da falta de religiosidade do adolescente está atrelada à contemporaneidade e à falta de memória religiosa que está sendo substituída pela ignorância dos elementos de base cristã. Deste modo, o ensino dos valores religiosos expressos no cemitério por meio dos túmulos pode ser uma excelente ferramenta de reativação da memória conceitual.

Com a utilização do espaço cemiterial pode-se compartilhar histórias de vida que dentro de uma sala de aula possivelmente ficariam restritas ao pensamento individual. O compartilhar de histórias é um recurso de aproximação entre educador e aluno como expressa Klein: “Somos todos, enfim, histórias “em jogo” e, no processo educativo (em geral e não só religioso), almejamos que, a partir das histórias lidas, divididas e vividas, os nossos educandos se tornem cada vez mais sujeitos e protagonistas da sua própria história.”¹⁶

Ao ler o texto de Streck, foi notório perceber a utilidade do espaço cemiterial aliar-se ao espaço escolar como metodologia de ensino-aprendizagem nas aulas de Ensino Religioso:

A escola e o Ensino Religioso podem ser um espaço de acolhimento, de afeto, onde a dimensão grupal tem um papel relevante, no sentido de ajudar a estabelecer uma noção de identidade individual e de aprender a conviver com a pluralidade e a diversidade do mundo pós-moderno.¹⁷

Outra utilização do cemitério como ferramenta educacional é a partir da criação de Projetos disciplinares ou interdisciplinares. Para Vasconcellos:

a educação, no autêntico sentido, qual seja, enquanto processo de humanização e personalização, de construção de identidade e cidadania, implica sempre em práticas (realização) que estão permeadas por algum nível de referência reflexiva (elaboração), tanto no que diz respeito à

¹⁵ ZANELLA, Liane. *Aprendizagem: uma introdução*. In: Rosa, Jorge La. *Psicologia e Educação: o significado de aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.p.27-28.

¹⁶ KLEIN, Remí. *O processo educativo-religioso: histórias em jogo e novos olhares em formação*. In: KRONBAUER, Selenir C. G.; SIMIONATO, Margareth F. (orgs). *Formação de Professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas. 2008.p.87.

¹⁷ STRECK, Gisela Isolde W. *Adolescência e Identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade*. In: WACHS, Manfredo Carlos et all. *Praxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2007.p.205.

orientação da atividade (plano de ação) e à intencionalidade (finalidade), quanto de interpretação de um dado contexto (realidade).¹⁸

Por ser um espaço de amplas possibilidades, o cemitério permite o desenvolvimento de projetos tanto na área de ciências humanas quanto na área de ciências biológicas e exatas. Brandenburg também comenta sobre a prática de projetos como recurso didático:

O trabalho por projetos é uma proposta muito pertinente ao Ensino Religioso, pois pode organizar, encaminhar e responder perguntas que crianças e jovens tem sobre a dimensão religiosa, sobre a função que a religião desempenha na sociedade ou sobre as inúmeras formas de manifestação e vivência da dimensão religiosa na sociedade.¹⁹

Pensando numa organização prática de planejamento foi criada uma metodologia própria intitulada “Pedagogia Cemiterial” e apresentada no IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais que ocorreu em Piracicaba-SP no ano de 2010, conforme demonstrado abaixo:

- Sondagem de interesse com a turma escolhida para a realização do cemitério como mediador de conteúdos curriculares.
- Apresentar à turma a relação existente entre o conteúdo desenvolvido e o uso do cemitério.
- Estabelecer um contato visual entre os alunos e o espaço cemiterial por meio de imagens fotográficas, considerando que muitos alunos jamais entraram em um cemitério.
- Pedir uma análise pessoal sobre o que pensava e o que pensou sobre o cemitério após a explicação sobre a pesquisa cemiterial e a sua relação com o conteúdo selecionado.
- Visita guiada ao cemitério local.
- Debate dirigido no cemitério para estabelecer um momento de aprendizado mútuo.
- Debate dirigido e relatório sobre a visita ao cemitério no espaço escolar.

¹⁸ VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Libertad, 1999.p.124.

¹⁹ BRANDENBURG, Laude Erandi. *Práxis educativa no Ensino Religioso: confluência entre teoria e prática*. In: KRONBAUER, Selenir Gonçalves; STROHER, Marga Janete. *Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores*. São Paulo: Paulinas, 2009.p.87.

➤ Organizar com os alunos alguma culminância que envolva a comunidade escolar a fim de apresentar a todos o resultado desta prática educativa.

Com base nesses pressupostos, desenvolvemos a temática cemiterial em sala de aula e assim tivemos a oportunidade de realizar algumas ações no campo educacional, acadêmico e artístico. Deste modo, torna-se válido apresentar algumas destas ações práticas.

A primeira oportunidade de trabalhar com cemitério em sala de aula foi com uma turma de primeiro ano do ensino médio numa escola particular leiga, onde aliou-se o estudo da Grécia Clássica e seus reflexos modernos através das alegorias cemiteriais na disciplina curricular de História, indicando e analisando a forma que a influência da arte grega se revela na escultura e arquitetura neoclássica no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre. Isto ocorreu inicialmente através de estudos de textos e imagens na própria escola e depois realizando um amplo trabalho de campo visitando o referido cemitério. A atividade evidenciou uma visita cheia de interesse, de perguntas, de análise e de apreciações. O resultado desta ação específica veio com a formação de um grupo extraclasses de pesquisa sobre o assunto.



Turma de 1º ano de ensino médio de uma escola laica particular em Porto Alegre no ano de 2010.

Com o avançar do grupo de pesquisa extraclasses se decidiu incorporar o elemento cênico no estudo e difusão da arte cemiterial e o resultado desta complementação cultural foi a criação do Grupo Cemiterium: Teatro e Pesquisa.



Apresentação cênica do Grupo Cemiterium em 2010 na cidade de Piracicaba-SP

CONCLUSÃO

Com o passar desta prática em sala de aula acreditamos que a pesquisa cemiterial não deve ficar apenas na discussão acadêmica, mas sim que ela deve ser difundida a alunos do ensino fundamental (séries finais) e do ensino médio a partir das aulas de História, Religião, Filosofia, Sociologia, Arte e Teatro. Esta prática fará com que consigamos atrair a atenção dos adolescentes novamente para assuntos que permeiam o campo da religiosidade, além de fazer com que a prática pedagógica das aulas de Ensino Religioso tenha o merecido destaque dentro da comunidade escolar.

Com base nesta experiência prática com adolescentes e o cemitério, acreditamos que a utilização do campo santo como tema de aplicação curricular na disciplina de Ensino Religioso pode resolver diversas ansiedades que afligem o educador. Essas preocupações estão em sintonia com a idéia da Unesco que considera que “ a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritual”.²⁰

Referências de Consulta

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1995.

²⁰ DELORS, J. et al (org). *Os quatro pilares da educação*. In: DELORS, J. Educação um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, 2000, p. 89-101. (Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI).p.99.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. *Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. *Arte Cemiterial: uma análise dos elementos da arte antiga encontrados nos cemitérios do RS (1920 - 1940)*. In: Harry Rodrigues Bellomo. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, v. 1, p. 207-216.

BAUMAN, Zygmund. *O mal-estar na pós-modernidade*. São Paulo: Jorge Zahar, 1998.

BELLOMO, Harry R.(org.) *Rio Grande do Sul: aspectos da cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.

BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil :(1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto* .Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BRANDENBURG, Laude Erandi. *Práxis educativa no Ensino Religioso: confluência entre teoria e prática*. In: KRONBAUER, Selenir Gonçalves; STROHER, Marga Janete. *Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRANDENBURG, Laude Erandi, WACHHOLZ, Wilhen (orgs). *Contribuições do luteranismo para a Educação*. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2010.

BRUNER, Jerome S. *Uma nova teoria de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Instituto Brasileiro do Livro, 1975. 3ed.

DELORS, J. et al (org). *Os quatro pilares da educação*. In: DELORS, J. *Educação um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, 2000, p. 89-101. (Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI).

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FOWLER, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GRASSI, Clarissa. *Um olhar...A arte no silêncio*. Curitiba: Grassi, 2006.

KLEIN, Remí . *O processo educativo-religioso: histórias em jogo e novos olhares em formação*. In: KRONBAUER, Selenir C. G.; SIMIONATO, Margareth F. (orgs). *Formação de Professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas. 2008.

MACEDO, Mônica Medeiros K.(org) *Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MACEDO, Mônica Medeiros K ; FENSTERSEIFER, Liza e WERLANG, Blanca Susana G. *Adolescência: um tempo de ressignificações*. In: MACEDO, Mônica Medeiros K.(org) *Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. In: Morin, Edgar. *Os princípios do conhecimento pertinente*. São Paulo: Cortez, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Ates Médicas Sul, 1999.

PIAGET, Jean. E GRECO, P. *Aprendizagem e Conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, Jean. E INHELDER, B. *Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento*. Lisboa: RES, 1978.

RIGO, Kate Fabiani. *O cemitério como fonte de inspiração cênica*. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2011, Salvador. V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2011.

_____. *Pedagogia Cemiterial*. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2010, Piracicaba. IV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2010.

_____. *Arte Cemiterial na Escola Regular*. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2006, Porto Alegre. II ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2006.

_____. *Imagens da Morte*. In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

SEGURA, Harold. *A criança como tema transversal da teologia*. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (orgs). *Uma criança nos guiará -por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010.

STEYER, Fábio. *Representações e Manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul*. In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.106-120

STRECK, Gisela Isolde W. *Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade*. In: WACHS, Manfredo Carlos et all. *Praxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2007.

WADWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento-Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Libertad, 1999.

ZABALA, Antoni. *A prática Educativa: Como Ensinar*. Porto Alegre: Art Med, 1998.

ZANELLA, Liane. *Aprendizagem: uma introdução*. In: Rosa, Jorge La. *Psicologia e Educação: o significado de aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.